

## EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: POSSIBILIDADE DE LETRAMENTO POR MEIO DA LITERATURA DE CORDEL

Maria Aparecida Esmeraldo Martins Mourão <sup>1</sup>

Maria Verônica Angelo da Silva <sup>2</sup>

Fernando Gledson dos Santos Lima <sup>3</sup>

### RESUMO

Partindo do princípio que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade educacional que exige elementos variados e significativos para o desenvolvimento da leitura e da escrita, o presente trabalho faz uma reflexão acerca da exigência em diversificar as metodologias trabalhadas em sala de aula como forma de despertar a compreensão dos alunos sobre os conhecimentos internos e externos à escola e assim ajudá-los a construir suas identidades.

A partir desse contexto a presente pesquisa é delineada em busca de conhecer as estratégias adotadas pelos professores objetivando minimizar as dificuldades na assimilação dos conteúdos e possibilitar o desenvolvimento da capacidade linguística para aperfeiçoar as habilidades e tornar esses alunos cidadãos letrados.

As análises mostraram que entre as diversas estratégias aplicadas, destaca-se o uso da literatura de cordel nas práticas de letramento, uma vez que esta, ao trabalhar a educação ambiental através da interdisciplinaridade, possibilitou o aprimoramento da capacidade criativa dos alunos os conduzindo a uma reflexão sobre a relação com lugar em que vive, ampliando a compreensão das demais disciplinas. Os estudantes através de versos conseguiram retratar questões impactantes sobre a melhoria da qualidade de vida no ambiente escolar, reconhecimento e respeito aos seres vivos e a emergente necessidade do uso racional dos recursos naturais.

**Palavras-chave:** Alfabetização; letramento; estratégias

---

<sup>1</sup> Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, [aparecidaesmeraldo@gmail.com](mailto:aparecidaesmeraldo@gmail.com);

<sup>2</sup> Especialista em Educação Física Escolar pela Faculdade Integrada de Patos – FIP, [veronicaangelol@hotmail.com](mailto:veronicaangelol@hotmail.com);

<sup>3</sup> Especialista em Ensino da Língua Inglesa pela Universidade Regional do Cariri – URCA, [fernandobajuazeiro@hotmail.com](mailto:fernandobajuazeiro@hotmail.com);

## INTRODUÇÃO

A Aprendizagem é uma via de mão dupla que exige interatividade, diálogo e estratégias diversificadas. Nesse percurso os atores, professores e alunos, constroem juntos uma cumplicidade envoltos de confiança, corresponsabilidade e comunicação dialógica. Paulo Freire (1992) diz que o diálogo abre as portas à comunicação e afirma que o conhecimento verdadeiro se fundamenta em situações de igualdade, justificando que quando o processo de troca de saberes e experiências entre diferentes sujeitos não ocorre em situações de igualdade, em que ambos tem o direito de ouvir e ser ouvido, não existe comunicação. Nesse âmbito, entendemos que a aprendizagem é mediada pelo professor e que a comunicação veicula o processo de aprender do aluno.

Em se tratando da EJA, essas peculiaridades acerca do intenso exercício da comunicação devem ser priorizadas, visto que esta modalidade de ensino requer o resgate dos saberes trazidos pelos alunos, a reconstituição das suas histórias, o acolhimento e a contextualização dos interesses particulares e coletivos destes, a fim de que possa ser despertada a vontade de aprender e continuar a frequentar a escola.

A modalidade EJA também é referência em dificuldades de aprendizagens, que abarca todas as disciplinas e de modo específico a Língua Portuguesa devido ao fato dos mesmos não possuírem domínio da leitura e da língua escrita.

Partindo do princípio que na modalidade de ensino EJA, a maioria dos alunos traz o domínio da linguagem oral, porém essa linguagem servirá de suporte para o aprendizado da linguagem escrita, isso porque os alunos já fazem uso da prática de letramento circunstanciando pela necessidade cotidianas de fazer lista de compras, lidar com troco, pagar contas, identificar ônibus através de letreiros, perceber símbolos comerciais, dentre outros.

De acordo com Soares (1988) na perspectiva do Letramento, considera-se importante “o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais e não que saibam apenas decodificar textos”.

Ademais, depreende-se que o ensino de língua portuguesa quando pautado tanto na realidade sociocultural do aluno, quanto no uso de gêneros textuais diversos possibilita aos discentes um maior contato com exercícios voltados ampliar seus conhecimentos, oportunizando dessa forma um maior aperfeiçoamento de habilidades que o tornem cidadãos letrados e conscientes do seu papel social no meio em que vivem e, o mais importante, que atendam às suas necessidades sociais.

Por ser a aprendizagem uma dimensão muito subjetiva em consequência da individualidade do aluno, do seu contexto social, do diferenciado intervalo de assimilação, exige-se do professor, esforço e ações diferenciadas para cada disciplina e conteúdos aplicados. E, a Educação de Jovens e Adultos é um campo ainda em processo de averiguações e estudos com escassas investigações cujas intervenções pedagógicas não são frequentes sendo estas voltadas para o Ensino Regular.

Nesse contexto surge à problemática que norteou essa pesquisa: Que estratégias devem ser adotadas pelos professores que trabalham com a modalidade EJA, para minimizar as dificuldades na assimilação dos conteúdos e possibilitar o desenvolvimento da capacidade linguística aperfeiçoando as habilidades em tornar esses alunos cidadãos letrados?

Diante do problema, esta investigação teve por objetivo principal identificar quais as atividades trabalhadas em sala de aula capazes de contribuir para minimizar as dificuldades na prática da leitura e da escrita dos educandos da Educação de Jovens e Adultos.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa buscou conhecer o processo de alfabetização e letramento dos alunos matriculados na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, considerando a complexidade que requer do professor no uso das diversas estratégias de ensino a fim de que este possa construir junto com os alunos elos que favoreçam a relação ensino-aprendizagem. Segundo Gil (2007, p.17), a pesquisa é definida como:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão de resultados.

Para tanto fizemos uso da pesquisa qualitativa, com aplicação de testes diagnósticos, observação das estratégias adotadas pelos professores e analogia com estudos bibliográficos.

## **LOCAL DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada na EEF Governador Manoel de Castro com abrangência aos alunos das turmas das EJA's III e IV do Ensino Fundamental envolvendo três professoras e 55 alunos. Pelas dificuldades apresentadas em sala de aula no que se refere a assimilação da compreensão textual e da escrita e, percebendo que essa atividade perpassa por um processo natural em que o indivíduo vai se apropriando dos códigos e símbolos à medida que vai internalizando determinados conceitos é que as estratégias trabalhadas foram sendo

diversificadas, fazendo uso de recortes de jornais e revistas, receitas culinárias, entre outros. Percebendo que a Literatura de Cordel era mais significativa para eles, por narrar fatos e contos vividos, além de introduzir através da interdisciplinaridade a temática Educação Ambiental, intensificamos essa prática em sala de aula, resultando em produções bastante impactantes. Os conhecimentos produzidos foram consolidados em versos voltados para a temática que desperta a responsabilização ambiental.

## REFERÊNCIAL TEÓRICO

### HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil é escrita sob vários ângulos enveredados por diversas concepções pedagógicas e pelas políticas públicas que ao longo dos anos foi desvinculando os objetivos da educação por modalidades de ensino.

As primeiras escolas brasileiras para adultos datam dos anos de 1920 e foram criadas com o objetivo de formar mão de obra que atendesse aos imperativos da rápida urbanização e industrialização crescente.

Com a promulgação da Constituição de 1934, art. 150 determina o ensino primário de adultos dever do Estado, ao qual cabia assegurar para a educação esse segmento da população no sistema público. Porém essa determinação não garantiu a expansão da alfabetização que se estendeu a meados do século XX onde foi comprovado que mais da metade da população brasileira continuava analfabeta.

Somente em 1947, com metas ambiciosas ocorreu a primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos, almejando em massa os alunos em um tempo médio de três meses.

Esse fato histórico foi de extrema importância, mediante ao esforço, mas fracassou no final de 1950. As críticas apontavam, entre tantos fatores, a falta do processo não ter sido levado em consideração o contexto social e cultural do país na sua diversidade, demonstrando que as propostas eram inadequadas para o público adulto.

Nesse contrassenso surgiu o grande precursor que se apresentou em favor da alfabetização de Jovens e Adultos: Paulo Freire. \_\_\_\_Ele, sempre lutou pelo fim da educação elitista e tinha como objetivo uma educação democrática e libertadora, partindo da realidade e vivência dos educandos.

Segundo Aranha (1996, p.209), “o método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo – se como sujeito

da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra”.

É compreensível o pensamento de Paulo Freire, pois a maturidade faz do educando um receptor de ideias mais aguçadas quebrando o paradigma da impossibilidade de aprender. Outro fator que foi desmitificado com a linha de trabalho freireano foi a questão da estrutura social relativa ao analfabetismo que passou a ser compreendido como uma consequência não como causa da pobreza e da desigualdade social.

Dando continuidade aos movimentos em prol da alfabetização, foi criada pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967 o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL. Em analogia com o método Paulo Freire, também utilizando a “palavra geradora” que consistia em palavras pesquisadas pelos alunos, para educar, porém a proposta do MOBRAL não interagiu com palavras do cotidiano do aluno. Segundo Corrêa (1979), as palavras eram definidas por tecnocratas escolhidas a partir de estudo das necessidades humanas básicas. Dentro do MOBRAL existiam outros programas, entre eles: Programa de Alfabetização Funcional, Programa de Educação Integrada, Programa MOBRAL Cultural e Programa de Profissionalização.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71, foi implantado o ensino supletivo. Em 1974 o MEC propôs a implantação dos CES (Centros de Estudos Supletivos), tais centros tinham influências tecnicistas devido à situação política do país naquele momento. Foi através dessa Lei que os Conselhos Estaduais de Educação passaram a ter autonomia para organizar as ofertas e normas dos cursos supletivos. Era a implantação de uma nova modalidade de ensino. Algumas dessas secretarias, inclusive, para atender a legislação, criaram o departamento de Ensino Supletivo (DESU), estimando a grande importância que esta modalidade de ensino estava adotando.

A promulgação da Constituição Federal do país (BRASIL, 1988), amplia o dever com a Educação de Jovens e Adultos.

De acordo com o artigo 208 da Constituição de 1988: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: *I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;*”

Após 25 anos de vigência da Lei 5.697/71, com ideias revolucionárias para a educação brasileira, foi promulgada a Lei 9.394/96 que traz novas holísticas acerca do desenvolvimento da pessoa humana, buscando inovar projetos para a educação. No Título V, capítulo II, a Educação de Jovens e Adultos é posta como modalidade da Educação Básica, superando sua dimensão de ensino supletivo, regulamentando sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental.



De acordo com o artigo 37, “a Educação de Jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

E, para atender a legislação prevista, o Brasil vem buscando assegurar a oferta de educação de jovens e adultos como política pública de estado. Para isso, procura elevar sua qualidade por meio de ações como a inclusão dessa modalidade de ensino no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) e nos programas de transporte e alimentação escolar; e da produção e distribuição de material didático e literatura específicos; além de ações de fomento à leitura e formação de alfabetizadores e professores.

Por ser essa modalidade de ensino um desafio educacional global, em 2009 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em parceria com o governo brasileiro realizou em Belém do Pará, a VI CONFITEA (Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos), resultou na publicação do documento “Marco de Belém”. Esse documento destaca que a aprendizagem ao longo da vida constitui “uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação, baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos, sendo abrangente e parte integrante da visão de uma sociedade do conhecimento” (UNESCO,2010,p.3-4).

O acordo acima descrito nos leva a acreditar que o planejado para a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos conduz a construção de uma sociedade mais justa oferecendo para aqueles alunos que, por vários motivos não frequentaram a escola ou foram obrigados a abandonar, a oportunidade de iniciar ou retornar aos estudos, em qualquer idade, de modo que se preparem para o mundo globalizado e possam acompanhar os rápidos avanços tecnológicos.

## **O ALUNO DE EJA E SUAS EXPECTATIVAS**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem representado um grande desafio para um projeto de educação no universo brasileiro, uma vez que é destinada àqueles que não tiveram acesso à escola na idade adequada, além disso, reveste-se de características específicas que a tornam uma tarefa mais difícil ainda de ser consolidada. No entanto, os avanços na oferta dessa modalidade de educação têm sido mais abrangentes e o acesso dos alunos à escola vem aumentando de maneira gradativa e constante, num demonstrativo claro de que há um interesse pela escolarização que não foi alcançada na idade e tempo próprio.

Os discentes que frequentam a EJA costumam ser indivíduos carentes que fazem parte da camada social de baixa renda, que sobrevivem com o básico e obtém informações

através da televisão que também é sua principal fonte de lazer, são pessoas dotadas de conceitos culturais e valores éticos construídos a partir das experiências de vida que emerge do ambiente em que estão inseridos e que construíram uma concepção de mundo baseada em significados oriundos das suas vivências. Boa parte desses alunos se sente envergonhada de voltar à instituição escolar quando adultos, uma vez que possuem uma visão distorcida de que a escola é destinada a crianças o que cria certa resistência dessa parcela da população para frequentar a sala de aula, enxergando nessa apenas como um ambiente escolar para os que deveriam ter frequentada a escola nos momentos adequada propícias a esta.

De maneira geral, os alunos que procuram a EJA para retomar seus estudos são pessoas de classe trabalhadora, vivendo grande parte delas de subemprego ou desempregados e aqueles que apresentam problemas de ordem familiar e pessoal com os mais diversos motivos. Procuram a escola com a aspiração de galgar melhores possibilidades de emprego, que possa se realizar como cidadão, com um melhor poder aquisitivo, de se reconhecer como ser social digno e capaz, e enfim, de melhoras nas condições gerais de suas vidas, vendo a EJA uma oportunidade para isso. Também são em grande parte, marginalizados pela escola e marcados por uma história de entradas e saídas de cursos anteriores, por motivos que variam desde os de ordem pessoal, como cansaço após a jornada de trabalho, desestímulo, alimentação deficiente, até os que dizem respeito ao sistema educacional, como metodologias e recursos pedagógicos inadequados; em relação aos que abandonam fazem isso por diversos fatores de ordem social e econômica, mas também por se sentirem excluídos dentro da própria realidade de ensino e aprendizagem na escola; nesse processo de exclusão, o insucesso na aprendizagem tem tido papel de destaque e determina a frequente atitude de distanciamento, temor e rejeição em relação à escola que parece inacessível e sem sentido ao aluno; buscando assim, na instituição escolar uma superação destas carências e até mesmos preconceitos.

Se faz necessário que a escola repense a sua ação educativa junto aos alunos adultos, tratando-os de forma a corresponder as suas reais expectativas.

Em qualquer fase da vida escolar, a aquisição de novos conhecimentos deve considerar os conhecimentos prévios dos alunos. No entanto, em relação aos jovens e adultos, é primordial partir dos conceitos decorrentes de suas vivências, suas interações sociais, sua experiência pessoal e ainda pouco, porém relevante, algum conhecimento de leitura e escrita. Como detêm conhecimentos amplos e diversificados podem enriquecer a abordagem escolar, formulando questionamentos, confrontando possibilidades e propondo alternativas a serem consideradas.

Logo, ao trabalhar com jovens e adultos, o educador deverá ter a humildade de aceitar os conhecimentos já adquiridos por eles e tolerância para saber articular tais conhecimentos com os que pretende fazê-los adquirir; conseqüentemente, os jovens e adultos terão mais facilidade

em aprender se o que estiver sendo ensinado estiver articulado com sua vivência, quando houver a junção entre o conhecimento erudito e a experiência do cotidiano, facilitando assim a leitura de âmbito escolar como também a leitura de mundo a ser vivido.

A EJA não deve ser uma sobrecarga que os alunos devem carregar; precisa sim, ser um apoio e um incentivo para melhoria de suas vidas. Para tanto, é função do educador, buscar formas de intervenção e transformação da realidade, problematizando-a, através de uma relação dialógica constante com o educando. Em sala de aula, o importante não é depositar conteúdos, mas despertar uma nova relação com a experiência vivida, realizando um paralelo entre vivências e conteúdos escolares.

Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o aluno, reconhecê-lo como indivíduo no contexto social, com seus problemas, seus medos, suas necessidades, valorizando seu saber, sua cultura, sua oralidade, seus desejos, seus sonhos. Possibilitando uma aprendizagem integradora, abrangente, não fragmentada, uma vez que, na nossa sociedade o valor que se dá ao conhecimento é muito grande.

Percebe-se ainda alguns motivos que levam os trabalhadores adultos a ingressarem em programas de ampliação de escolaridade como a necessidade de ressocialização, possibilidade de convivência saudável com outras pessoas de mesma condição e a realização de atividades proveitosas e gratificantes. É nessa perspectiva que os alunos de EJA frequentam a instituição escolar, e, mesmo eles estando cansados de um dia inteiro de labuta, encontram motivação para ir assistir às aulas. Faz-se necessário um pensar sobre esses indivíduos que possuem características específicas para se fazer uma educação que tenha sentido a fim de tornar o processo de ensino aprendizagem significativo, em que a sua trajetória de vida e as dificuldades de aprendizagem não possam interferir neste desenvolvimento, sendo apenas aspectos positivos a serem somadas nas suas expectativas de vidas.

Sabe-se que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto. É papel do professor, especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Enfim, é acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional. Deste modo, o professor estará auxiliando de maneira mais efetiva o processo de reingresso dos alunos às turmas de EJA, dando-lhe mais confiança nesse processo.

É fundamental que o educador da Educação de Jovens e Adultos seja um indivíduo maleável, que ouça e conheça a realidade de seus alunos e propicie uma proposta pedagógica que respeite as especificidades, uma vez que, esses indivíduos são cercados de conhecimentos e um grande potencial de aprendizagem que precisa ser estimulado para dar procedimentos aos significados que os alunos da EJA têm em relação à instituição escolar.



É necessário que o professor desta modalidade de ensino esteja atualizado para que motive e aguace em seus alunos o desejo de adquirir novos conhecimentos e conseqüentemente novos modos de vida.

## **DISCORRENDO SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO UTILIZANDO GÊNEROS TEXTUAIS COMO ESTRATÉGIAS.**

Ao entrar em uma sala de aula independente da modalidade de ensino o professor deve estar ciente de que o sucesso e aprendizagem dos seus alunos dependem das suas estratégias de ensino. É no decorrer das suas ações que acontece a relação com o aluno assim como o processo de construção do conhecimento. Para trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, é preciso uma constante reflexão sobre a prática educativa, pois esses alunos detêm um acervo de conhecimentos e habilidades adquiridos de forma informal, como experiências vividas com a família, na comunidade e no trabalho, mas que torna-se necessário aproveitar esses saberes, reconhecendo-os como relevantes por fazerem parte do contexto sociocultural dos mesmos. Há também pessoas que não se preocupam somente com o lado profissional, retornando a escola por motivações de ordem pessoal, como, por exemplo, objetivo na vida, intenção de acompanhar os filhos na escola, sentimento de falta dos estudos, vontade de ser útil, para melhora de qualidade de vida, desejo de ler e escrever melhor. Muitos desses alunos trazem para a escola a esperança de que o processo educativo lhes confira novas perspectivas de auto respeito, autoestima e autonomia. Assim, esses alunos, com sacrifício, acumulando responsabilidades profissionais e domésticas ou reduzindo seu pouco tempo de lazer, dispõem-se a frequentar cursos na sua maioria noturnos, na expectativa de melhorar suas condições de vida. A maioria, apesar de seus problemas, mantém a esperança de continuar os estudos, concluir o ensino fundamental, ter acesso a outros graus de ensino e habilitações profissionais. Cabe, então, à escola como um todo, incentivar esses anseios dos alunos, apresentando um espaço onde suas expectativas possam se concretizar.

Conforme afirma Dayrell, referindo-se a esses alunos, “o que cada um deles é ao chegar à escola é fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais” (DAYRELL, 1996, p. 140). Ao serem concebidos como sujeitos, os alunos EJA são compreendidos como seres em construção, e a condição humana é vista “como um processo, um constante tornar-se por si mesmo, no qual o ser se constitui como sujeito à medida que se constitui como humano, com o desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie” (p.43).

Portanto, os jovens e adultos que procuram a EJA embora tenham uma bagagem de conhecimentos adquiridos de forma informal, fundados em suas crenças e valores já constituídos, têm necessidade da educação formal para satisfação de necessidades pessoais ou referentes ao mundo do trabalho.

Assim o professor estará contribuindo para o fortalecimento da identidade do aluno cuja personalidade, como retrata Paulo Freire, “muitas vezes se apresenta marcada pela auto desvalia (quando o oprimido introjeta a visão que o opressor tem dele, considera-se, assim, incapazes, enfermos, dizem não saber nada, etc). Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2011, p. 25).

Considerando o repertório de conhecimento adquirido com a leitura de mundo do aluno e a dificuldade de assimilação dos conteúdos em todas as disciplinas da educação formal, a principal estratégia de trabalho do professor deve ser a de reconhecer a importância da autonomia do aluno, expandir sua socialização incorporando ao planejamento, atividades que agregue cultura e lazer.

Uma ação pedagógica significativa para trabalhar na EJA é delinear os objetivos da seleção de conteúdos programáticos relevantes e da definição de estratégias didáticas eficazes que se adequem a realidade da turma. Não é só por uma questão prática. O ensino deve contribuir para o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, para que este adquira a habilidade de perceber a importância da linguagem como instrumento para a compreensão e abordagem do mundo atual.

E por considerar relevante o contexto histórico e cultural nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, deve-se acrescentar às práticas pedagógicas, a teoria sociointeracionista de Vigotsky (1988), o qual defende a ideia de que o aluno aprende junto ao seu grupo social e também constrói valores, linguagem, inclusive, conhecimento. Dessa forma, a alfabetização e o letramento devem ser associados ao aspecto social, histórico e cognitivo da língua.

Diante dessa constatação a apropriação da alfabetização e letramento perpassa por caminhos onde o indivíduo após o domínio das práticas de leitura e escrita tem livre domínio para exercê-las enquanto práticas sociais. E, essas práticas são adquiridas através do exercício de várias estratégias planejadas pelo professor, onde o uso da leitura e da escrita é tratado de maneira significativa, postos como exemplo a literatura de cordel que narra fatos e contos vividos nas práticas sociais humanas.

Na perspectiva freireana, a cultura é vista como primordial para o entendimento da própria educação. Logo, ambos os conceitos estão intrinsecamente relacionados. Paulo Freire define cultura “como todo resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, do seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens” (FREIRE, 1982). Assim o uso de versos de cordel como metodologia de ensino aprimora a capacidade criativa do aluno e o conduz a uma reflexão sobre o seu lugar, melhorando a compreensão de conteúdo. A utilização da literatura de cordel como parte desse cotidiano leva o aluno a construir conteúdos sob forma de rimas simples e vão sendo construídos versos capazes de traduzir o sentimento do educando quando das histórias contadas em reuniões familiares ou em versos mais complexos a partir da leitura de conteúdos, e também os que fazem parte da sua vida cotidiana.

## **DISCUSSÕES E RESULTADOS**

Dentre as diversas estratégias trabalhadas, observou-se a ampliação do nível de leitura e escrita dos alunos, despertando a criatividade e capacidade de socialização entre eles, tornando as aulas mais dinâmicas e atrativas. A aplicação da literatura de cordel, propiciou uma sensível mudança de postura destes, no que se refere a possibilidade de uma escola sustentável traduzida em seus versos. E considerando como primordial entre os pontos positivos foi a ultrapassagem dos muros da escola sendo que essa modalidade de ensino que até então era tímida e pouco valorizada, culminou com a produção textual de um dos alunos com 52 anos de idade apresentada na X Feira Regional de Ciências e Cultura, conquistando o segundo lugar na modalidade artístico-cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que trabalhar com alunos EJA não se limita a uma tarefa meramente escolar, mas traz consigo a responsabilidade do resgate de sonhos, anseios e mudanças e é exatamente esses fatores que tornam as ações dos professores mais difícil, porém gratificantes.

Percebemos também que é imprescindível a diversificação de metodologias, sendo estas as alternativas comprovadas nessa pesquisa no desenvolvimento da oralidade, propiciando a elevação da autoestima dos alunos além de acelerar a alfabetização efetiva.

Alfabetizar letrando, como é proposto pelo letramento significa angariar possibilidades que resgate vivências do aluno e evidencie seus gostos, sabores, sonhos, ou seja, que toque o íntimo dos mesmos. A literatura de cordel expressa essa condição, além de possibilitar o trabalho de temas transversais, como Educação ambiental, gênero e sexualidade através de atividades interdisciplinares

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. História da Educação. 2.ed. Ver. e atual – São Paulo: Moderna, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. Brasília. MEC/SECADI, 2001.
- BRASIL. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CORRÊA, Arlindo Lopes. Educação de massa e ação comunitária. Rio de Janeiro: AGGS/MOBRAL. 1979.
- DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre a educação e cultura. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo. Atlas. 2002.
- \_\_\_\_\_. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996.
- \_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília, 2002.
- \_\_\_\_\_, Pedagogia do Oprimido. 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758 13 Autêntica, 1988.
- VYGOTSKY, L. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1988.



